

O GÊNERO SOTERRADO DA MICRO-HISTÓRIA: QUANDO O “ MENOS É MAIS” NA PERSPECTIVA DE CARLO GINZBURG

Francélia de Jesus Uchôa Paiva¹ ; Francois Silva Ramos²

Resumo

Ginzburg, historiador italiano(1939), interessou-se pela literatura, pintura e por fim pela História, sem abandonar, contudo, o seu interesse pela literatura e pelas artes plásticas. Sua opção em ser historiador se deve aos influxos, dentre outros, de uma pesquisa histórica baseada em fontes heteróclitas e raras, a partir da leitura de Marc Boch, *Os reis Dramaturgos*, publicado em 1924. Celebrizou-se com a obra “O queijo e os vermes” (1976), ou “História Noturna” (1988). Concomitantemente, a partir de 1970, ele torna-se um dos arautos da micro-história, cuja abordagem procura extrair conclusões gerais a partir de estudos bastante esmiuçados de casos particulares. A abordagem historiográfica de Ginzburg encontra estreitas relações com a história das mulheres, secularmente postas às margens da história oficial, e das inerentes relações entre os sexos, tão banalizadas no campo privado e anedótico. Ilana Lowy, pesquisadora da História das Ciências ao reexaminar as obras de Ginzburg nos revela suas lacunas e contribuições que serviram como um dos motores de arranque para o desenrolar dos estudos feministas, gênero ou *queer*, em que pese a potencialidade dos eventos e dos fenômenos familiares.

Palavras -chave: Gênero, micro-história, Carlo Ginzbug, Ilana Löwy.

ABSTRACT

Ginzburg, an Italian historian (1939), took an interest in literature, painting, and finally History, but did not abandon his interest in literature and the plastic arts. His option to be a historian is due to the influx of others from a historical research based on heteróclitas and rare sources, from the reading of Marc Boch, *The kings Dramaturgos*, published in 1924. He was celebrated with the work "The cheese and the Worms "(1976), or" Nocturnal History "(1988). At the same time, from 1970 onwards, it becomes one of the heralds of microhistory, whose approach seeks to draw general conclusions from very detailed studies of particular cases. Ginzburg's historiographical approach finds close relations with the history of women, secularly placed on the margins of official history, and of the inherent relations between the sexes, so trivialized in the private and anecdotal field. Ilana Lowy, a researcher of the History of Sciences in reexamining the works of Ginzburg reveals her gaps and contributions that served as one of the starters for the development of feminist studies, gender or queer, in spite of the potentiality of events and family phenomena .

Keywords: Gender, microhistory, Carlo Ginzbug, Ilana Löwy.

¹ Doutoranda do Programa Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA), da Universidade Federal do Amazonas(UFAM). Doutora em Ciências da Educação pela Universidad Tres Fronteras (UNINTER-Assuncion-PY). Advogada e Professora universitária em Manaus.

² Pos-doutorando em Psicologia pela universidad kennedy. Doutor em Ciências da Educação (UNINTER-2016). Advogado e professor universitário dos cursos de Direito e Pedagogia da Faculdade Presidente Antônio Carlos(FUPAC- Uberaba-MG).

Considerações preliminares

Pretendemos, neste artigo, incursionar pela releitura crítica realizada por Ilana Löwy, historiadora das Ciências, acerca das lacunas deixadas e das contribuições que Carlo Ginzburg pode fornecer para as pesquisas sobre o gênero a partir dos recursos utilizados em suas obras.

O termo 'micro-história' apareceu nos anos 1980 graças à publicação pela editora Einaudi da série *Microstorie* organizada pelos historiadores Carlo Ginzburg, Simona Cerrut e Giovanni Lévy. Estes administradores reuniram uma gama de trabalhos monográficos, cujo foco investigativo era uma pessoa e/ou pequeno agrupamento de sujeitos que foram assistidos por um tempo limitado. Inclui-se aí a monografia do próprio Ginzburg, "O queijo e os vermes" (1976, [2006]), que relata a história de um moleiro do século VI que produziu crenças religiosas totalmente exclusivas.

Nota-se que, desde o princípio, Ginzburg definiu o termo 'micro-história' com um tom flexível contendo significados variados, e vindo a expandir seu sentido para além da Itália, a partir do uso feito sobre o termo pelos historiadores muitos países.

Em parte, os trabalhos dos micro-historiadores foram produzidos para refutar as abordagens quantitativas e semiquantitativas, tão comuns nos anos 1960, tempo em que se privilegiava somente os estudos passíveis de enquadrarem-se em série. As singularidades, como por exemplo, os indivíduos estratificados da parte inferior da pirâmide social só poderiam ser analisados anonimamente, pelo viés da Sociologia ou da Demografia, como fez Furet(1963).

Já nos anos 1970, os pesquisadores resistentes àquele tipo de abordagem, procuraram reconstruir a experiência de vida dos indivíduos provenientes das camadas populares, fundamentando-se especialmente em fontes jurídicas. Porém, eles advertem para os perigos materiais históricos que possibilitam o estudo único e do 'excepcional normal', ou seja, torna-se uma temeridade a questão do grau de generalização suscetível de ocorrer a partir de um destino individual, sobretudo se ele é captado sob a ótica dos documentos elaborados por um "tribunal ou por uma administração", conforme Ginzburg(2006).Em contrapartida, os micro-historiadores propõem a consideração de que a vida dos indivíduos é perpassada por fenômenos

que não são individuais, tais como, gênero, classe social, comunidade linguística, nacional, profissional e essa “porosidade” ganha relevo, especialmente para os historiadores, diante da interseção de tantas categorias analíticas.

C.Ginzburg orientou-se pelo *slogan* do arquiteto alemão Mies Van der Rohe ‘menos é mais’, pois ao diminuir o campo investigativo, é possível entender, às vezes, mais do que quando procura-se diferenciar conjuntos mais abrangentes. O estudo da micro-história, é uma ferramenta capaz de refutar as renomadas teorias, como exemplo, as de Max Weber acerca dos liames entre o protestantismo e o espírito capitalista, conforme Ginzburg (2005) demonstra na biografia sobre Jean-Pierre Pourry, calvinista e empresário nos anos de 1730.

Inarredavelmente, hoje, as pesquisadoras feministas dedicam-se a desvendar o “menos é mais” das experiências singulares do sexo feminino que ainda se encontram sob os escombros da história.

1.1 Histórias atípicas

A articulista Löwy (2014, p.199) ao discorrer sobre “Histórias atípicas”, ressalta a vivência dos três primeiros anos de C.Ginzburg na ilha de Abruzos, para onde seu pai foi exilado político. Tal fato justificaria a admiração dele pela cultura popular graças às histórias narradas por sua babá camponesa durante os anos em que ele viveu com seus pais neste arquipélago.

Ele cresceu em Turim, onde desfrutava da convivência do círculo de escritores de sua mãe. Interessou-se pela literatura, pintura e por fim pela História, sem abandonar, contudo, o seu interesse pela literatura e pelas artes plásticas. Sua opção em ser historiador se deve ao influxo, sucessivamente, de dois momentos: No primeiro, com a abordagem metodológica do historiador renomado Delio Cantimori, durante um seminário, desperta-lhe “os prazeres de uma leitura lenta” e, por conseguinte a importância de uma análise profunda de um texto e de suas várias traduções. No segundo, com uma pesquisa histórica baseada em fontes heteróclitas e raras, a partir da leitura de Marc Boch, *Os reis Dramaturgos*, publicado em 1924.

O tema de sua tese foi “a perseguição pela Inquisição, de um grupo de camponeses da região de Friul, julgados nos séculos XVI e XVII por suas crenças pouco ortodoxas”, (LOWY, 2014, p.200) em que começa a desenvolver o profundo

gosto pelas culturas populares. A partir daí envereda pelas pesquisas, cujo foco são os indivíduos e grupos insuficientemente visíveis para os historiadores. Por esse viés, celebrizou-se com a obra “O queijo e os vermes” (1976), ou “História Noturna” (1988). Concomitantemente, a partir de 1970, ele torna-se um dos arautos da micro-história, cuja abordagem procura extrair conclusões gerais a partir de estudos bastante esmiuçados de casos particulares.

A abordagem historiográfica de Ginzburg encontra estreitas relações com a história das mulheres, secularmente postas às margens da história oficial, e das inerentes relações entre os sexos, tão banalizadas no campo privado e anedótico. Porém, este autor não demonstrou qualquer atenção para a problemática de gênero, embora ele tenha tocado na questão do sexo como um fator que, dentre tantos, plasmam o indivíduo; mas o fez sem considerações particulares³. Todavia, Ginzburg põe em evidência o fato de que as mulheres foram as mais atingidas pelo movimento de caça às bruxas. Em “História noturna” (1988) ele explora o papel dos saberes especificamente femininos, quanto ao conhecimento das ervas medicinais e a manipulação dos alucinógenos e das substâncias abortivas [o esporão⁴] nas acusações de bruxaria.

Entretanto, C. Ginzburg foi incapaz de perceber a caça às bruxas como reflexo da “onipresença da dominação masculina”. Ao invés disso, preconizava que as mulheres eram geralmente ligadas à bruxaria em razão do seu estatuto limiar, no qual são incluídos “indivíduos que se situam, ao mesmo tempo, dentro e fora de um grupo. Este tipo de estatuto reaproxima os mortos, uma outra categoria limiar, alternativamente presente e ausente, benéfica e perigosa”. (LÖWY, 2014, p. 201). Diante desse status limítrofe, as mulheres conseguiram realizar um papel fundamental na transmissão de certos ritos. Porém, Ginzburg atribui às mulheres uma localidade e uma contingência, uma vez que em certos lugares a bruxaria foi principalmente masculina; em outros, devido aos traços biológicos incomuns, como por exemplo, pessoas nascidas envoltas em uma parte da placenta ou pessoas com alguma

³ Por exemplo, “o fato de as mulheres serem mais frequentemente analfabetas do que os homens nos séculos XVI e XVII provavelmente forjou sua visão de mundo(Margeot, 2002), mas essa reflexão é inserida em um conjunto de observações sobre diferenças entre grupos sociais definidos pelo lugar de habitação, pela ocupação ou pelas crenças religiosas.(LÖWY, 2014, p. 200-201).

⁴ Essa substância que provoca a aceleração das contrações durante o parto e pode induzir ao aborto, faziam parte ao mesmo tempo do mundo dos xamãs e das bruxas e ao das parteiras. (LÖWE, 2014, p. 201).

particularidade física, eram consideradas detentoras de poderes sobrenaturais. A presença de um traço físico excepcional tornava possível o enquadramento no estatuto limiar, a exemplo da humanidade ‘incompleta’ das mulheres. Portanto, a anatomia poderia selar um destino, embora não se trata precisamente da posse de ovários e úteros, adverte Löwy (2014, p. 201).

Esta articulista conjectura que Ginzburg, por ser filho de uma intelectual reputada não observou as discriminações atreladas ao sexo como sendo tão opressoras quanto aquelas associadas ao pertencimento a uma classe ‘inferior’, a uma etnia marginalizada ou a uma minoria religiosa. É mais provável que a ausência de gênero na obra de C. Ginzburg seja atribuída às suas opções metodológicas. Os defensores da micro-história desejam “reconstruir o mais fielmente possível a singularidade dos casos individuais”. Por esse viés a ‘variável gênero’ se insere em um “conjunto completo de relações que definem um indivíduo ou um grupo de indivíduos”. (LÖWY,2014, p. 202)

Mesmo que Ginzburg não tenha se declarado abertamente pela temática do gênero, ele contribui com novas perspectivas para a história das mulheres e das relações entre os sexos. Nesse passo,

Ele interessa-se pelas questões historiográficas diretamente ligadas aos esforços para construir um a história das mulheres, como o lugar da experiência singular e do fato isolado na produção dos conhecimentos sobre o passado, os limites das generalizações em história, os modos lícitos e ilícitos de ‘fazer as fontes falarem’, ou ainda a dificuldade em reencontrar o ponto de vista das dominadas quando ele é acessível somente através de documentos produzidos pelos dominantes. (LÖWY, 2014, p. 202).

Como um dos principais representantes da micro-história, C. Ginzburg procura refazer com a maior fidelidade possível os caminhos dos desprezados pela história oficial e entender como o refazimento dessa trajetória possibilita modificar essencialmente a nossa compreensão do passado.

Löwy (2014, p. 202-204) esclarece que o termo ‘micro-história’ apareceu nos anos 1980 graças à publicação pela editora Einaudi da série *Microstorie* organizada pelos historiadores Carlo Ginzburg, Simona Cerrut e Givanni Lévy. Estes administradores reuniram uma gama de “monografias dedicadas a uma pessoa ou a um pequeno grupo de indivíduos que foram acompanhados durante um tempo limitado”, a exemplo da monografia do próprio Ginzburg, *O queijo e os vermes*”, que

relata a história de um moleiro do século VI que produziu crenças religiosas totalmente exclusivas.

Essa mesma articulista ressalta que desde o princípio Ginzburg definiu o termo 'micro-história' com um tom flexível contendo significados variados, e vindo a expandir seu sentido para além da Itália, a partir do uso feito sobre o termo pelos historiadores muitos países.

Em parte, os trabalhos dos micro-historiadores foram produzidos para refutar as abordagens quantitativas e semiquantitativas, tão comuns nos anos 1960, tempo em que se privilegiava somente os estudos passíveis de enquadrarem-se em série. As singularidades, como por exemplo os indivíduos estratificados da parte inferior da pirâmide social só poderiam ser analisados anonimamente, pelo viés da Sociologia ou da Demografia, como o fez, Furet(1963).

Já nos anos 1970, os pesquisadores resistentes àquele tipo de abordagem, procuraram reconstruir a experiência de vida dos indivíduos provenientes das camadas populares, fundamentando-se especialmente em fontes jurídicas. Porém, eles advertem para os perigos materiais históricos que possibilitam o estudo único e do 'excepcional normal', ou seja, torna-se uma temeridade a questão do grau de generalização suscetível de ocorrer a partir de "um destino individual", sobretudo se ele é captado sob a ótica dos documentos elaborados por um "tribunal ou por uma administração", conforme Ginzburg(2006) citado por Löwy(2014, p. 203) .

Em contrapartida os micro-historiadores propõem a consideração de que a vida dos indivíduos é perpassada por fenômenos que "não são individuais" [gênero, classe social, comunidade linguística, nacional, profissional] e essa "porosidade" ganha relevo, especialmente para os historiadores, diante da interseção de tantas categorias analíticas. Neste sentido, C.Ginzburg orientou-se pelo *slogan* do arquiteto alemão Mies Van der Rohe 'menos é mais' , pois " ao reduzir o campo da investigação, pode-se compreender, às vezes, mais do que quando tenta-se distinguir conjuntos mais amplos".(GINZBURG et al , 1993 apud LÖWY, 2014, P. 203). O estudo da micro história, é uma ferramenta capaz de refutar as renomadas teorias, como exemplo, as de Max Weber acerca dos liames entre o protestantismo e o espírito capitalista, conforme Ginzburg (2005) citado por Löwy demonstra na biografia sobre Jean-Pierre Pourry, calvinista e empresário nos anos de 1730.

Inarredavelmente, hoje, as pesquisadoras feministas dedicam-se a desvendar o “menos é mais” das experiências singulares do sexo feminino que ainda se encontram sob os escombros da história.

1.2 O método de C. Ginzburg e suas sete propostas

O “método de Ginzburg” envolve sete propostas, bastante recomendáveis para os que estudam os invisíveis da história, como por exemplo as mulheres, pois diante da raridade dos documentos e das fontes, é preciso enveredar-se por outros métodos de investigação.

Em síntese apertada, Löwy (2014, p. 204-206) elenca as seguintes propostas que compõem o método de C. Ginzburg, a saber: (1) A ‘leitura lenta’: possibilita enxergar, por meio dos mínimos detalhes e sutilezas, os invisíveis soterrados pela história. (2) A leitura ‘contracorrente’ [termo usado por Walter Benjamin] dos textos históricos: promove a sobreposição ou contiguidade das fontes heterogêneas e coteja as observações afastadas no tempo/no espaço possibilitando ultrapassar a informação diretamente transmitida nas narrativas ‘ oficiais’. (3) A comparação das formas: a abordagem morfológica baseada no cotejo das formas puras possibilita a visibilidade de elementos insignificantes. (4) A arte como recurso: os romances, os poemas, também são importantes fontes para se descobrir informações sobre a parcela escondida na história, como as mulheres, escritoras, leitoras e heroínas de obras literárias. (5) Os jogos de escala: Recomenda uma abordagem pautada no vaivém permanente entre uma visão muito próxima e uma visão muito distante, para que se tenha uma concreta descontinuidade e heterogeneidade do real. No primeiro plano ele cita a investigação sobre a vida privada de um indivíduo). No outro plano, convém o olhar sobre o crescimento dos impérios. (6) A distância crítica: A técnica do *estranhamento* evita as ciladas de uma ‘história militante’, feminista, anticolonialista, por exemplo. (7) A atração por anomalias: A partir daquilo que é bizarro, excepcional ou marginal, não considerados em si mesmos, podem revelar algo de geral. “não pode prever a extensão das transgressões e das anomalias possíveis. Em compensação, as anomalias e as transgressões remetem sempre a uma norma”(GINZBURG, 2004, p. 554). Tal postulado pode explicar a profundidade das abordagens de gênero.

Interessante observar que sobre a tríade “Traços, índices, saberes populares”, C. Ginzburg respaldou-se na abordagem de Erich Auerbach (1892-1957) *Mimesis*

(1946), passando a prestar atenção aos detalhes aptos a dar-lhe informações significativas acerca dos processos sociais mais fundamentais. C.Ginzburg assinala que há uma analogia, em que pese certos aspectos entre o trabalho do historiador e do caçador atento aos rastros deixados pela sua presa, ou do detetive que, a partir dos indícios consegue localizar o culpado de um crime. Portanto, o foco nos detalhes insignificantes pode fornecer pistas interessantes. Por esse prisma, este historiador extrai do ‘saber alternativo’ do caçador diversos significados⁵ e adverte-nos sobre as relações pouco conhecidas entre ‘altos’ e ‘baixos’ conhecimentos. Aqueles são transmitidos pelos estudos nas instituições reconhecidas e estes não o são.

É, sobre os ‘baixos’ conhecimentos que são levantados um ponto de vista retomado pelas historiadoras feministas que questionam a exclusão das mulheres na produção dos saberes ‘santificados’. (LÖWY, 2014, p. 207). Portanto, é grandemente potencializada a contribuição da micro-história para a história das mulheres e do gênero, ou a história pós-colonial diante das possibilidades de desvendar-se os lugares onde podem estar situados os índices e os traços que podem aprofundar o estudo em tais áreas.

Löwy (2014, p. 208) ressalta que C. Ginzburg não admite as formas extremas de relativismo. Pode-se falar de verdade histórica, como fala-se de verdade linguística. A linguagem modifica-se com o passar dos tempos, estando subordinada aos tempos e lugares de seu uso, porém é possível manter a fidelidade da linguagem que se utiliza. Assim como o crítico de arte e o médico, o historiador não pode dizer que certas coisas que sabe são verdades absolutas. E sim, que são prováveis e, na melhor das hipóteses considerá-las como “altamente prováveis” e, nem por isso são saberes inferiores.

O interesse de C. Ginzburg (1993) por “formas de saber não formalizadas” provém de uma excitação mais ampla pela perspectiva dos dominados, imbuída em história de cunho pessoal e familiar. Seu interesse pela cultura popular é nutrido paralelamente por leituras de pensadores progressistas, como Gramsci ou o historiador britânico Eric Hobsbawm. Na obra que celebrou Ginzburg_ O queijo e os

⁵ Ele mostra que um paradigma cognitivo complexo consegue ser enraizado em conhecimentos que não podem ser formalizados e que não são transmissíveis e, por isso, percebidos como menos nobres na divisão habitual do trabalho intelectual. (LÖWY 2014, p. 207).

vermes_, o herói deste livro é o moleiro Menocchio, cuja “cosmovisão singular perverte o conceito de hierarquia dos saberes e dos conhecimentos.

Destarte, a articulista Löwy (2014. p. 209), afirma que a distinção entre “uma cultura de elites e uma cultura de massas”, de acordo com C. Ginzburg é “um fenômeno relativamente recente”, retratado pela história das expressões ‘*sapere aude*’ (ouse saber) e ‘*altum sapere periculosum*’ (o conhecimento das coisas elevadas é perigoso). Convém explicitar que, originalmente, ‘*sapere aude*’ diz respeito ao bom senso, não ao conhecimento, ao passo que ‘*altum sapere periculosum*’ significa aviso contra as aspirações de apropriação dos poderes divinos.

Contudo, nos séculos XVI e XVII, ambas expressões modificaram, substancialmente, seus sentidos. Elas passaram a ser compreendidas como incitações à liberdade de investigação, mescladas pela moderação e cautela. Concomitantemente, uma investigação livre replica-se em atributo inerente a um grupo social bem demarcado, os intelectuais. C. Ginzburg(1976) cita indivíduos que, como Menocchio, viveram em um período essencial de separação entre o saber ‘permitido’ das elites e as especulações ‘proibidas’ do povo. Em seguida, as fronteiras entre dois tipos de saber tornaram-se intransponíveis.

É importante a reconciliação entre os “saberes de caçador, de conhecedor de arte e de psicanalista”, como forma de se extinguir a separação entre cultura de elite e cultura de massa, como preleciona C. Ginzburg citado por Löwy (2014, p. 2010). Sem embargo, tal apontamento é imperioso para os estudos de gênero e estudos pós-coloniais e suas legítimas reivindicações, diante dos tesouros que se encontram guardados no baú dos saberes construído pelos dominados e das pistas que nos deixaram para descobri-los.

1.3 História sob tensão: as abordagens emic e etic

Löwy (2014, p.210) destaca a preferência de C. Ginzburg et al (1993) pelo crítico de cultura alemão Siegfried Kracauer (1889-1966), o qual refuta o conceito de realidade homogênea. O historiador deve compreender que tem sempre duas forças oponentes e seu “compromisso não é procurar um compromisso”.

É importante que os historiadores criem uma relação de equilíbrio entre o ponto de vista das pessoas investigadas e o seu. A articulista Löwy (2014,p2010) esclarece que há a abordagem chamada '*emic*' dos antropólogos, em que os pesquisadores são compelidos a "apagar a própria voz para aproximarem-se o máximo possível da linguagem de seus sujeitos", sobretudo quando estudam grupos distanciados da história 'oficial, como por exemplo os 'selvagens', os camponeses, as mulheres. Porém há a linguagem *etic* dos antropólogos em que a abordagem é mais analítica, de modo que a própria voz do pesquisador "recobre a dos seus sujeitos".

Percebe-se um antagonismo, vez que certos defensores da abordagem '*etic*' propugnam que "a reconstituição 'pura' de uma experiência vivida é uma tarefa impossível", ao passo que determinados partidários da abordagem '*emic*' dizem que "toda análise erudita da experiência é necessariamente uma deformação. Mas, C. Ginzburg não admite tal antagonismo e sugere a sua superação trabalhando-se a relação entre o '*emic*' e o '*etic*', de maneira criativa e enriquecedora para o pensamento. Embora ele não seja um dos autores mais recomendados para ser mestre do pensamento, nem para os estudos de gênero. (LÖWY, 2014, p. 210).

C. Ginzburg et al(1993) conforme Löwy (2014, p. 210) nos ensinam que se pode empregar um "princípio semelhante_ uma utilização criativa das dificuldades incontornáveis_ à escrita da história", como no caso em que "houver espaços em vazios", é preferível deixar tais "lacunas de seu relato visíveis ao introduzir bruscas interferências entre as vozes dos protagonistas" que o pesquisador descreve e sua própria voz.

Essa técnica de escrita torna visível os mecanismos de construção de um texto e até ganha leveza poética. Contudo, ressalta-se que "O leitor não é obrigado a acreditar na palavra do historiador e é desejável que ele tenha a possibilidade de verificar as afirmações colocadas em uma pesquisa histórica"(LOWY,2014, p. 210-211). Por esta linha de raciocínio, a elaboração de um texto não precisa parecer definitivo, deve se assemelhar mais a um "canteiro de obras do que uma construção concluída" (GINZBURG et al, 1993), para ser mais prazeroso e convidativo ao leitor para exercer uma reflexão crítica. Por sua vez, o historiador tem o dever e o compromisso moral de fundamentar suas pesquisas em provas mais sólidas possíveis.

Considerações finais

Para Löwy (2014, p.211) os textos de C. Ginzburg é afortunado em divagações, farto em detalhes não comuns, cotejos inesperados e hipóteses audaciosas. Nos seus textos predominam uma “tensão entre a racionalidade e a vontade de estudar os fenômenos” que escapam a uma racionalidade restrita, e entre a “aspiração de um rigor metodológico e a atração por uma leitura muito livre das fontes”. Contudo, seus críticos condenam seu “elitismo, sua visão idealizada das classes populares, suas formulações às vezes elípticas, suas incoerências, e suas idiossincrasias”. Para Löwy tais críticas não são inteiramente infundadas. A análise de C. Ginzburg é inovadora e motivante, mas também é eclética e com dificuldade de classificação.

Deslumbrado pelo esplendor dos índices culturais e pelos amálgamas insolentes de textos e de fontes, ele não é o mais recomendado como ‘mestre do pensamento’, nem para os estudos de gênero, nem para nenhuma outra corrente. “Em compensação, ele desempenha muito bem o papel de ‘agitador’ em seu sentido positivo. Para alguns, a principal contribuição de C. Ginzburg foi tornar visíveis indivíduos e grupos antes inexistentes para os historiadores. (LÖWY, 2014, p.211)

Essa articulista (2014, p.211) reconhece que a contribuição de Ginzburg ultrapassa a promoção de estudos históricos sobre o ‘povo’ e as culturas populares. Seus textos elucidam os valores da “reflexividade, da imaginação, do risco e da paixão”. Demonstrem, também a “compatibilidade e a complementaridade entre a distância intelectual e a emoção partidária”. Igualmente, não se pode olvidar que suas pesquisas “tornam tangível o prazer vertiginoso da confrontação com o inesperado”, uma das principais alavancas do desenvolvimento dos estudos feministas, gênero ou *queer*, estudos que favoreceram, cada vez mais, um ponto de vista admirável dos acontecimentos e fenômenos familiares.

Löwy (2014, p.211) deixa claro que a trajetória intelectual de C. Ginzburg foi marcada pelo que afirmou o sinólogo francês Marcel Granet: ‘o método é o caminho que já foi percorrido’. De fato, vimos que o historiador italiano, ora estudado neste artigo, demonstrou ser indissociável de sua trajetória e de sua prática. Por fim, C. Ginzburg apresenta uma “abordagem teórica não bem definida”, mas que traz à lume pistas diversas. Deste modo, ele sugere que o pesquisador que enveredar por essas pistas deve se nutrir da curiosidade, da ousadia de escapar dos limites disciplinares,

das aproximações incompatíveis e da coragem de encarar sistematicamente os elementos que importunam.

A propósito, essa última recomendação pode ser bastante providencial para os pesquisadores que se dedicam a estudar os “mecanismos de dominação e identificam-se com os dominados. Essa identificação, caso seja compreensível, pode enfraquecer sua capacidade de questionar as ideias preconcebidas”, até mesmo as suas próprias. Neste caso, para reduzir esse perigo, C. Ginzburg orienta a reforçar o trabalho peculiar do “advogado do diabo” ou então, recepcionarmos “sua interpretação da bruxaria como uma postura limiar” [fora e dentro do grupo, ausente e presente] que controverta a ordem prefixada, “o advogado da bruxa?” (Löwy,2014, p.2012)

A articulista encerra seu artigo com tal questionamento, demonstrando que segue uma das recomendações de C. Ginzburg, qual seja: um texto não precisa parecer com uma construção acabada.

Referências

AUERBACH, E. **Mimesis**. La Représentaion de la réalité dans la littérature occidentale. Paris: Gallimard,1968[1946].

FURET, F. **Pour une définition des classes inférieures à l' époque moderne**. Annales ESC, Paris,18(3), 19963, p. 459-474.

LOWY, Ilana. Carlo Ginzburg: O gênero escondido na micro-história. In.: CHABAUD-RYCHTER, Danielle et al(Orgs.) **O Gênero nas Ciências sociais**. Releituras críticas de Max Weber a Bruno Latour. Tradução Lineimar Pereira Martins. São Paulo: Unesp; Brasília: Univrside de Brasília,2014, p. 199-213.

GINZBURG, C.**Il fromaggio e i vermi: il cosmo di um mugnaio del' 500**. Torino: G. Einaudi., 1976.[Ed. Bras.: **O queijo e os vermes: O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. Trad. Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2006].

_____. **Storia noturna**: uma decifrazione del sabba. Torino: G. Einaudi,1989.[Ed.Bras.: **História noturna**: decifrando o sabá. Trad. Nilson Muolin. São Paulo: Companhia das Letras,1991].

_____. **Latitud, Slave and Bible**: An Experient in Microhistory. Critical Inquiry, Chicago,3(2), 2005, p. 665-683. [Ed.Bras.: **Latitudes, escravos e a Biblia**: Um experimento em micro- história. Trad.Henrique Espada Lima Artcultura. **Revista Artcultura**, UFU, v. 9, n.15,p.86,2007].

_____. TEDESCHI, J. TEDESCHI, A. C. **Microhistory**: Two or Three Things that I Know about it. *Critical Inquiry*, Chicago, v. 20(1), 1993, p. 3-35.